

## **A Barcaça: A Espanha e o POETA JOÃO CABRAL DE MELO NETO (1947-1950)**

Fernanda Rodrigues Galve \*

**Resumo:** O texto faz uma articulação da História com a Literatura, numa reflexão do “ser” e da cidades na Espanha(1947-1950). Estudo sobre o poeta João Cabral de Melo Neto. Ler a lógica de uma obra literária é um modo de ligar-se a uma realidade histórica e ao mesmo tempo reconhecer os processos biográficos e a busca da identidade do poeta João Cabral. Seu trabalho com a palavra se faz na construção das imagens e dos fatos, pois não existe para ele poesia sem os acontecimentos e sem História. Assim, a abordagem do contexto histórico que origina a obra literária se coloca como compreensão da própria obra. Poesia com a qual se estabelece um dialogo constante, na perspectiva de pensar conceitos importantes como Arte e Política. Neste caso a pesquisa propõe um novo olhar histórico que utiliza-se de uma obra poética como fonte. Pondera também, uma obra literária como percepção crítica e histórica da sociedade Espanhola dos anos 50.

**Palavras –chave:** Poesia, Arte, Polifonia .

**Abstract:** The text deals with relations between history and literature in order to reflect on the “being” in Spain Study about the poet João Cabral de Melo Neto. To read the logic of a literary composition is a way to league a historical reality to it and at the same time to recognize the biographical processes and the search of the identity of the poet João Cabral. Its work with the word if makes in the construction of the images and the facts, therefore it does not exist for poetry without the events and History. Thus, the boarding of the historical context that originates the literary composition if places as understanding of the proper workmanship. Book with whom a constant dialogue is established in the perspective of reflecting on some important concepts such as art and policy. The poem puts history and literature together, bringing us time and memory. In this case the research considers a new to look at description that if it uses of a poetical workmanship as source. It also ponders, a literary composition as perception criticizes and historical of the society of Spain of years 50.

**Keywords:** Poem, Polyphony, Art .

Em 1947, João Cabral embarcou em uma grande barcaça. Na proa se lê “Vida”. Um dia, foi num país: a sua história cigana<sup>1</sup> que então pedia um porto onde ancorasse. Na Espanha habitou ainda mais esta barcaça em busca de um porto.

Este porto ainda instável inicia-se com sua primeira parada a cidade de Barcelona, de 1947 a 1950, foi um momento de mergulho na realidade espanhola. Logo descobriu, apesar de

---

\* Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP)

<sup>1</sup> \* Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), CAPES.

□ João Cabral ingressou no Departamento Cultural do Itamaraty, passando a residir em diferentes locais, entre os quais Barcelona, Catalunha, Londres e Sevilha, etc.

viver sob repressão, um rico meio intelectual, como informou a Manuel Bandeira em carta de 20 de julho de 1948:

Entrei em contacto, aqui, com um grupo de jovens escritores catalães que publicam duas revistas. Clandestinas, esclareço, porque o catalão, desde 1939, é perseguido aqui. A princípio não podiam nem falar; a partir do desembarque dos americanos na África, passaram a tolerar a língua oral; a partir de 1945, fim da guerra, passaram a permitir os livros em catalão, se em pequenas tiragens fora do comércio; e, finalmente, de um ano para cá, permitem os livros – com restrições – mas não as revistas e os jornais. Como eu ia dizendo, acima, conheço esses jovens catalães, ávidos de intercâmbio e de que se conheça, fora da península, sua "cultura ameaçada" (SÜSSEKIND, 2001, p. 89).

Este mergulho traz à tona, um contato de troca do poeta com artistas catalães<sup>2</sup>. O poeta pernambucano observa a situação do catalão como "idioma ameaçado". Neste período, na Espanha de Franco, tudo é proibido, até ler. Quanto mais escrever. O que gerou uma poesia "de conscientes mais do que de inspirados". Para João Cabral:

esta atual posição a que foram levados os escritores catalães – uma posição materialista diante da criação poética – talvez contenha uma sugestão digna de ser considerada por parte de poetas de outros idiomas não ameaçados" (SÜSSEKIND, 2001, p. 278-279).

Outro mergulho neste momento foi necessário, o poeta João Cabral, participou do grupo de artistas catalão de vanguarda Dau Al Set (Dado de sete faces). Um dos expoentes deste grupo será o pintor Antoni Tàpies<sup>3</sup>, um dos maiores artistas que se opõe ao franquismo que se baseia nos conceitos da estética marxistas.<sup>4</sup> Como o próprio artista plástico esclarece:

(...)Naquele momento o que estava mais em moda e mais interesse despertava entre os pintores e escritores eram as tendências de esquerda, influenciada pelo comunismo russo.(...)Foi Cabral quem, pela primeira vez, alertou-me para o fato de que esse dogmatismo não era muito correto, que era possível preocupar-se com os problemas sociais sem cair no mau gosto do realismo socialista (...) O poeta dizia que cada artista deveria seguir seu próprio estilo, mas sempre incluindo algum tipo de indicação em suas obras que permitisse identificar uma preocupação e uma crítica sociais. (Cadernos de Literatura Brasileira, 1998, p. 15)

Além de Tàpies, militam diariamente no Dau Al Set o poeta Brossa, o escultor Emili Boadella, os pintores Modest Cuxiart, Pere Tort e Joan Pinç, o filósofo Arnau August Puig e o artista gráfico Enric Tormo. Estes rapazes vislumbram o mundo proibido da arte. Este grupo de intelectuais que se reunia em sua casa, na Calle Montanier, para trocar idéias sobre arte e política..

---

<sup>2</sup> Apresentada através da publicação das traduções de "Quinze poetas catalães" por João Cabral, na *Revista Brasileira de Poesia*, em fevereiro de 1949.

<sup>3</sup> Antoni Tàpies é artista plástico. Nascido em Barcelona, em 1923. Tecnicamente, sua pintura passou a ser definida como matéria.

<sup>4</sup> O poeta João Cabral, pelo seu antidogmatismo, a essa altura se considera marxista, mas não adota a estética marxista em seus poemas.

Esse momento, na Espanha foi um dos mais difíceis do regime ditatorial do General Francisco Franco e suas fronteiras estavam fechadas. Para os artistas, uma vez que a arte contemporânea era proscrita pelo regime franquista, a convivência com João Cabral significava a possibilidade de estarem em contato com novas idéias e de manterem-se informados sobre o que acontecia no mundo exterior.

O período em que João Cabral ancorou sua barcaça em Barcelona, ficou marcado pela consolidação do franquismo. O franquismo iniciou-se em 1939 quando uma nova conjuntura exterior o favoreceu, no final da Segunda Guerra Mundial e as relações entre os Estados Unidos e a União Soviética. O Anticomunismo se impulsionou no mundo ocidental e Franco entrou na luta contra a URSS.

Esta aproximação entre os Estados Unidos e a Espanha permitiu a chegada de créditos, tão necessários para a empobrecida economia espanhola. Socialmente estes anos foram contraditórios. Por parte, adotaram medidas que beneficiaram os trabalhadores, como a introdução de seguros sociais. Por outro lado, o regime continuou reprimindo qualquer reivindicação e negando a liberdade sindical e de igual forma negando a liberdade política.

A arte representava a liberdade tão necessária que simboliza a evocação de todo o poder criativo para enfrentar as forças da corrupção política e social causadora dessas contradições sociais.

Através de encontros entre esses artistas, João Cabral conhece e sente-se fascinado, por Joan Brossa. Em sua prensa manual, o poeta imprime o primeiro livro de sonetos de Brossa, *Sonets de Caruixa*. Após muitos encontros, nosso poeta o tira de um grande impasse provocado pelo fechamento do regime franquista. Brossa se sentia poeticamente impotente até João Cabral apresentar a diferença entre a “arte revolucionária”, que aponta caminhos para o futuro, e a “arte da revolta”, que se limita a trabalhar as contradições do presente. Ambos discutiam poesia, como lembra o próprio Brossa:

Cabral sempre me dizia que a poesia e a arte deveriam ter algum comprometimento, mas que isso não poderia ofuscar a personalidade do artista. Na época a moda era o realismo socialista. E ele não concordava com os preceitos desse realismo, na medida em que inibiam a força individual. Para Cabral, a força individual, aquilo que é do artista, não poderia ser oprimido por nenhuma ideologia.

Sua idéia era que a poesia deveria indicar um caminho de crítica social, mas sem jamais se submeter a qualquer teoria. Era algo muito inteligente, algo que naquele momento, final dos anos 40, começo dos 50, não era discutido pelos artistas de Barcelona. Vivíamos muito limitados durante o franquismo e ele abriu novas perspectivas para nós com suas idéias. Cabral vivia a sua época e a gente não. (Cadernos de Literatura Brasileira, 1998, p. 16)

Sabe-se que Brossa integrou o movimento de resistência à ditadura e a censura de Franco, na Espanha, chegando até a participar do Exército Popular da Catalunia e que teve grande influência das idéias anarquistas e socialistas do período da República Catalã (que antecedeu o franquismo). Exemplos desse espírito de resistência é o fato de que sempre escreveu em Catalão - língua que chegou a ser proibida durante a ditadura - vários de seus trabalhos da "linha mais política".

Nessa ocasião, João Cabral conhece Joan Miró e freqüenta assiduamente seu ateliê e acompanha toda a sua produção desse fim dos anos 40. Na década de 1940, com a ajuda de João Cabral as telas de sua série *Constelações* chegaram as mãos de Pierre Matisse. Assim, Miró, tornara-se o primeiro pintor da vanguarda européia a expor em solo americano no pós-guerra.

Em pouco tempo depois o poeta João Cabral escreve seu ensaio sobre Miró, *Joan Miró*, publicado pelas Edições de l'Oc de Barcelona, e ilustrado com gravuras originais do pintor. O livro do poeta brasileiro trazia as informações de impressão do livro escritas em catalão, como forma de resistência de Miró à proibição do uso da língua durante o período de repressão franquista na Espanha.

Em carta a seu primo Manuel Bandeira de 17 de fevereiro de 1948, comentou o encontro com o pintor Joan Miró, que lhe vinha despertando grande interesse:

Atualmente, esse problema da possibilidade de expressão numa seleção me obceca. Ainda há pouco tempo, reconheci toda a pintura de Miró, ou melhor, seu mundo, num pequeno museu que ele tem em casa, e onde agrupa desde esculturas populares até pedras achadas ao acaso na praia, pedaços de ferro-velho com uma ferrugem especial etc. É impressionante como tudo aquilo é Miro. (SÜSSEKIND, 2001, p. 60)

O poeta João Cabral de Melo Neto contava que quando conheceu Joan Miró, no fim dos anos 40, o artista plástico espanhol o recebeu no segundo andar de um prédio de quatro andares na travessa do Comércio, em Barcelona. O apartamento era decorado com móveis austeros, ar pesado. Herança do pai. Depois de um tempo, o artista levou o então cônsul do Brasil em Barcelona para outro andar, seu ateliê, onde trabalhava, decorado com móveis modernos e obras inacabadas. As cores vivas de Miró impressionaram João Cabral. Além do ensaio, o poeta escreveu poemas sobre Miró:

. *sim contra o sim*

Miró sentia a mão direita  
demasiado sábia  
e que de saber tanto  
já não podia inventar nada.

Quis então que desaprendesse  
o muito que aprendera,  
a fim de reencontrar  
a linha ainda fresca da esquerda.

Pois que ela não pôde, ele pôs-se  
a desenhar com esta  
até que, se operando,  
no braço direito ele a enxerta.  
A esquerda (se não se é canhoto)  
é mão sem habilidade;  
reaprende a cada linha,  
cada instante, a recomeçar-se.

(*MELO NETO, João Cabral, 1986, p298*)

João Cabral apresenta-nos em seu ensaio e em seus poemas, um Miró dinâmico e desbravador. Para o poeta, Miró expressa em sua obra uma luta para devolver ao pintor uma liberdade de composição há muito tempo perdida. Não uma liberdade absoluta e sim, uma luta para libertar o pintor de um sistema determinado, de uma arquitetura que limita os movimentos da sua pintura. Um artista que a cada instante recomeça-se, surpreende-se e cria uma nova dinâmica ao olhar a realidade que o cerca.

Há em João Cabral um não viver em órbita. O poeta habitou essa barçaça- metade barco, metade casa- onde agora na proa vê-se “Arte”. Conscientemente ou não, a favor ou contra as correntes que atravessam a sociedade, o poeta é determinado pela sua vida social. Sua poesia é polifônica. A função do poeta para ele é dar a ver (a cheirar, a tocar, a provar, de certa forma a ouvir: enfim, sentir).

## **Bibliografia**

ARGAN, Giulio C. História da arte como história da cidade. 3 ed. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1995 [1ª ed.: Roma, 1984].

BRESCIANI, S., NAXARA, M. (org.). Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. 2 ed. Campinas: Ed. da Unicamp [1ª ed. 2001].

Cadernos de Literatura Brasileira. n. 1 - *João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998

CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. Educação pela noite. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CHARTIER, Roger et al. La sensibilité dans l'histoire. Gérard Monfort, 1987.

CASTELO, José Emilio. *España: sigloXX 1939-1978*. Anaya, 2006.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra Completa*. Editora Nova Aguilar, 1986.

SÜSSEKIND, Flora. (org.). *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001